

pg Saúde

Diarreia mata mais do que epidemia de cólera

No ano passado, foram registrados 1,5 milhão de casos de diarreia, com 45 mil mortes, contra 35 mil doentes confirmados com cólera

RIO — A cada minuto, os hospitais da rede pública de todo o País atendem a três pacientes com diarreia infecciosa, doença responsável por uma em cada 10 internações. Na Região Norte, a moléstia aparece como a principal causa de óbitos, enquanto no Nordeste perde apenas para as doenças vasculares localizadas no cérebro.

“A cólera ainda é um problema menor no Brasil em relação à diarreia infecciosa”, afirma o diretor nacional de Vigilância Sanitária, Cláudio Amaral. As estatísticas lhe dão razão: no ano passado, foram 1,5 milhão de registros de diarreia infecciosa (45 mil mortes) contra 35 mil casos confirmados de cólera.

O medo da população e a orientação do Ministério da Saúde para que em áreas suspeitas todas as diarreias sejam tratadas como cólera poderá fazer com que o número de vítimas fatais da doença caia nas estatísticas.

No Hospital Nossa Senhora da Conceição, no Conjunto Ceará, em Fortaleza, onde vivem mais de 30 mil pessoas, a média de internações de pacientes com diarreia passou de 80 para 200 por mês. “É o efeito positivo da cólera”, afirma a diretora do hospital, Rosemayre Freitas. “Enquanto era apenas diarreia muita gente morria, mas ninguém se importava.”

Ajuda para enterros — O município de Luzilândia, a 240 quilômetros de Teresina (PI), também aprendeu a lição. Em menos de um mês, o único hospital da cidade registrou quase mil casos de diarreia, 60% dos quais oriundos da pequena Vila Coroa — um povoado isolado na margem direita do Rio Paraíba, sem nenhuma infraestrutura de saneamento. A epidemia de cólera só foi descoberta quando o prefeito Francisco Marques recebeu de uma só vez pedido de ajuda para o enterro de quatro pessoas. Duas semanas antes, outras cinco pessoas tinham morrido. “Como todo mundo aqui tem ameba, nós estávamos tratando como se fosse ame-

ba”, disse o diretor do hospital, José de Sampaio Carvalho.

Em Batalha, outro município do Piauí, a 150 quilômetros da Capital, a secretária de

Saúde e diretora do único hospital da cidade, Evoneide Gomes Oliveira, admite que “faz pouca diferença saber se as pessoas morrem de diarreia ou de cólera”. Do início de janei-

ro até o final de março, 183 pessoas foram internadas em Batalha com crises de diarreia. “É evidente que vários destes doentes contrairam a cólera, mas como não temos

condições de fazer os exames, ficamos sem saber”, lastima. A secretária, no entanto, não acredita que o seu município, a exemplo do que ocorreu com Luzilândia, ganhe projeção

nacional pela epidemia de cólera. “Aqui, a preocupação maior é com a hepatite provocada pela água”, disse. Somente em fevereiro foram 44 novos casos da doença.